

Mário Cláudio

Henriqueta Emília da Conceição

Sociedade Portuguesa de Autores
Publicações Dom Quixote



MÁRIO CLÁUDIO

TEATRO

HENRIQUETA EMÍLIA DA CONCEIÇÃO

Melodrama em Três Actos

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES / PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
LISBOA

1997

Biblioteca Nacional – Catalogação na Publicação

Cláudio, Mário, 19
Henriqueta Emília da Conceição
(Autores de língua portuguesa)
ISBN: 972-20-1402-1



Publicações Dom Quixote, Lda.

Rua Luciano Cordeiro, 116 - 2.º
1098 Lisboa Códex - Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© Mário Cláudio, Sociedade Portuguesa de Autores, 1997

Capa «Junquilha e Angélica», ilustração de David Corazzi
Foto da contracapa: Rui Luís Romão

Revisão tipográfica: Filipe Rodrigues

1.ª edição: Maio de 1997

Depósito Legal n.º 11281/97

Pré-impressão: Vítor Manuel

Impressão e acabamento: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos, Lda.

ISBN: 972-20-1402-1

C Í R C U L O D E C U L T U R A T E A T R A L



Teatro Experimental do Porto
apresenta

HENRIQUETA

EMÍLIA *da* CONCEIÇÃO

de
Mário Cláudio

encenação
Celso Cleto



PERSONAGENS

Henriqueta Emília da Conceição.

Teresa Maria de Jesus: uma prostituta.

D. Carlota: hospedeira de Henriqueta.

Teixeira: um chulo.

Géraldine: uma cantora.

Eduardo d'Artayet: um boémio.

Primeira Mulher.

Segunda Mulher.

Primeiro Boémio.

Segundo Boémio.

Coveiro / Chefe da Polícia.

Agente Judas.

*Boémios, Prostitutas, Criadas de Botequim, Músicos,
Populares.*

1.º ACTO

Cena representando um botequim, por volta de mil oitocentos e setenta, com um palco, ao fundo, onde actua uma pequena banda. Há muito fumo, além de bastante algazarra. No primeiro plano, várias mesas, ocupadas por boémios e mulheres da noite, por entre os quais circulam três criadas. Ao erguer do pano, sai Henriqueta, acompanhada de um amigo.

PRIMEIRA MULHER: Lá vai ela, e anda a luxar mais do que nunca.

TEIXEIRA: Deixa-a sossegada, Francisca. A ti, que te importa o que ela faz ou não faz, se te sobra tanto tempo, para passeares, como as outras, por aí, aos caídos!

PRIMEIRA MULHER: E a ti, ó fofinho, quem te mandou meter o nariz, ouve lá, nas conversas que não te dizem respeito? Se calhar, é porque ela não te liga, que até faz de conta que nem te vê, que lhe dás tanta cerimónia.

SEGUNDA MULHER: Ai, filha, eu estou por ti, que nisto de homens, quanto mais a gente se lhes mete por baixo, mais nos desprezam, mais nos rebaixam, e chegam a guardar-nos rancor!

Apagam-se as luzes do palco, ao fundo da cena, começando a banda a afinar os seus instrumentos.

TEIXEIRA: Cala aí, ó menina! De música é que a gente precisa, e música é que a gente vai ter. Ora aqui está, salta a Géraldine!

PRIMEIRO BOÉMIO: Cá temos nós a pequena, não é verdade? Dizem que está mais fresca do que nunca, que conheceu príncipes e duques, e que põe a cabeça a rodar, ao mais pintado. Vamos a ver, então, como isso é.

A banda ataca os primeiros compassos de «As Rosas», e Géraldine, em maillot, um pouco ofegante, faz a sua entrada, na cena do fundo, interrompe os músicos, e profere o seguinte discurso, com afectado sotaque francês.

GÉRALDINE: Minhas senhoras e meus senhores, aqui me tendes, de novo, na vossa presença, depois de Madrid e de Paris, de Londres e de Viena. Cheguei mesmo a Sampetersburgo, onde apanhei muito frio. Mas a voz da grande Géraldine resiste a todos os climas, aperfeiçoa-se de dia para dia, e peço-vos que a escuteis, com aquele carinho, tão vosso, que sempre lhe dedicais. Orchestre, «As Rosas». (Aplausos.)

Uma vez concluído o seu número, agradece a ovação, e retira-se, lançando beijos ao público.

EDUARDO D'ARTAYET: Não há dúvida, amigos, está cada vez mais racée. As viagens apuraram-lhe a figura e as maneiras, e transformaram-na num ver-

dadeiro apetite. Garçon, uma garrafa desse champagne das Caldas, que vocês dizem ser francês!

PRIMEIRA MULHER: E, para nós, Eduardinho, não há nada? Lembra-se de quando lhe tirei as botas, naquela noite em que não atinava com a porta de saída? (*Aparte*): Ai, o que a gente passou, nessa ocasião, com ele, que queria, à viva força, que chamássemos a guarda, para regular não sei que contas esquisitas, que tinha a ajustar, dizia ele, com um suíço!

SEGUNDA MULHER (*Aparte*): Então, não me lembro? Eu estava lá, assisti a tudo, e fui eu que te ajudei, minha linda, no meio de todo aquele desconchavo. Vomitou em cima das almofadas, rasgou as cortinas, eu sei lá o que fez aquele desgraçado!

EDUARDO D'ARTAYET (*Já servido do que pedir*): Não há nada, meus amigos, que se compare ao produto nacional. Provem-me esta morraça divina, capaz de ombrear com o melhor «Moët et Chandon». Se não tivéssemos decoberto as Índias, teríamos descoberto, sem dúvida, a forma mais radical e mais alegre de nos envenenarmos gloriosamente.

TEIXEIRA: Falas bem, ó compadre! Mas saberás tu o que significa andar, por aí fora, a batê-las, contra a fome e contra o frio, com uma matilha ao dobrar das esquinas, pronta a atirar-se-nos às canelas?

PRIMEIRO BOÉMIO: Ora, deixem-se lá de conversas sérias. Não lhes basta, para isso, a igreja, a mulher

que têm lá em casa, o patrão, a sogra? Salta a Géraldine, outra vez, queremos música.

SEGUNDO BOÉMIO, PRIMEIRA MULHER E SEGUNDA MULHER: Isso mesmo, queremos música, queremos música!

Reacendem-se as luzes do palco, ao fundo da cena, recomeçando a banda a afinar os seus instrumentos, após o que ataca os primeiros compassos de «Os Lírios», e eis que Géraldine, com o mesmo maillot, mas com uma capa de seda branca, também, interrompe os músicos e debita a seguinte fala.

GÉRALDINE: Eu sabia, mes chéris, que não poderiam passar muito tempo sem a companhia desta vossa amiguinha. Não sou das que se fazem caras, e aqui me têm, uma vez mais. Orchestre, «Os Lírios»!

Uma vez concluído o seu número, agradece a ovação, e retira-se, lançando beijos ao público. Logo a seguir, entra Henriqueta.

HENRIQUETA: Ora, vivam todos os meus amigos, que já tinha saudade da vossa companhia!

TODOS: Viva Henriqueta, viva Henriqueta!

PRIMEIRO BOÉMIO: Viva a mais graciosa, entre as graças de Portugal!

PRIMEIRA MULHER: Viva a grande galdéria, a maior de todas!

SEGUNDO BOÉMIO: Viva a vaidosa, viva a ladina!

EDUARDO D'ARTAYET: Viva o champagne do Porto, o melhor do Mundo!

HENRIQUETA: Caluda, ó gentes! Quereis saber da última, da que me aconteceu agora mesmo?

TODOS: Conta lá, conta lá.

HENRIQUETA: Vistes o figurão com quem saí, há duas horas?

SEGUNDA MULHER: Vimos o gajo, sim, senhora.

HENRIQUETA: Pois, a história é esta. O sujeito é brasileiro, do Mato Grosso, ou do diabo que o carregue. Veio até ao Porto, ao que parece, arejar as patacas, ou foi isso, pelo menos, o que eu entendi.

TEIXEIRA: Meteste-lhe a choupa, está visto!

HENRIQUETA: Cala aí, meu malandrão! O homem encontrou-me muito recolhida, na feira de São Lázaro, a olhar para uma banca de chapéus de crepe. E é claro que me tomou, logo ali, por uma viúva, pois então. Sem que me desse tempo a reflectir, apanhou-me a bolsa, que me tinha caído, muito distraidamente, das mãos. Vou eu, e digo-lhe, «muito obrigado, senhor, Deus lhe pague»! Vai ele, e diz-me, «saberá que tem, madama, um criado, às suas ordens». Fomos descendo, no nosso vagar, a rua, e eu sempre muito doce, muito recatada.